

Reestruturando a universidade brasileira a partir dela mesma

No final do ano passado, em seminário realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), dirigentes e professores de Instituições de Ensino Superior discutiram os rumos da universidade pública brasileira e avançaram propostas para o estabelecimento da Universidade Nova (UniNova). O projeto é uma profunda reestruturação das universidades que nasce do esforço das próprias instituições e não, como em outras vezes, se origina de determinações estatais.

Rafaela Pereira

O aspecto mais inovador do projeto da UniNova é a proposta de uma nova estrutura curricular para os cursos universitários, privilegiando o alargamento da base dos estudos superiores, o que permitirá a ampliação do conhecimento e competências cognitivas; flexibilizando currículos através do aumento de componentes optativos que proporcionarão aos estudantes a escolha de seus próprios percursos de aprendizagem; introduzindo dispositivos curriculares que promovam a integração entre conteúdos disciplinares; e adiando escolhas profissionais precoces que têm ocasionado prejuízos individuais e institucionais importantes. "O que se espera da universidade não é avançar? Ela foi inventada justamente para isso, para ser vanguarda, para estar à frente da sociedade. A sociedade está se recuperando das ações afirmativas e, graças a nós, já tem que começar a pensar em algo novo. É função da universidade fazer isso. O fato da universidade, historicamente, ter abdicado desse papel fez com que a sociedade fosse buscar a inovação em outras instituições. Aí a universidade foi perdendo paulatinamente seu valor. A universidade precisa de algo que a unifique em nova direção. E aí entra o Projeto Universidade Nova", afirma Naomar de Almeida, reitor da UFBA e um dos idealizadores do projeto.

As respostas têm sido positivas. Em todos os eventos onde a Universidade Nova figura como tema ela vem despertando interesse. "O MEC também tem nos dados apoio, e isso é imprescindível. Além, é claro, dos reitores e dirigentes que estiverem presentes no I Seminário Nacional da Universidade Nova, em dezembro do ano passado. Tenho encontrado enorme acolhida na própria sociedade, na opinião pública. Pessoas me param na rua para apoiar a UniNova e o mais comum é perguntarem quando vamos acabar com o vestibular", conta o reitor da UFBA.

Para Aloísio Teixeira, reitor da UFRJ, a Universidade Nova, combinada a uma ideia de expansão das vagas, resultará em uma mudança no ensino superior no país. Para José Carlos Ferraz Hennemann, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), essa será uma mudança inovadora, pois se discute a partir do foco da área acadêmica e da estrutura curricular. "Essa é a discussão acadêmica que queremos", aponta Hennemann.

Segundo Naomar Almeida, o projeto da UniNova encontra-se plenamente acolhido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação,

não existindo impedimento legal para sua implantação. "Há sete pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) já prevendo a formação básica dos Bacharelados Intermediários e as demais transformações. Falta apenas construir um consenso geral para o implantarmos. Um dos problemas da universidade brasileira é ficar submetida ao aparato legislativo, como se fossem necessárias leis externas para que ela funcione como deveria. Isso é uma triste renúncia ao protagonismo e à autonomia universitária", sublinha Almeida.

Avaliação do seminário

Para o reitor da UFBA, o I Seminário Nacional da Universidade Nova, promovido pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), excedeu todas as expectativas. Foram 193 participantes inscritos e quase todas as universidades federais enviaram representação. Debates e palestras foram realizados e grupos de trabalho montados na ocasião apontaram algumas questões em comum a todos, das quais Naomar Almeida destaca: implantar Bacharelados Interdisciplinares (BI), com terminalidade, título por área de conhecimento, ingresso público. Pessoas me param na rua para apoiar a UniNova e o mais comum é perguntarem quando vamos acabar com o vestibular", conta o reitor da UFBA.

melhança da pós-graduação atual, múltiplos, que envolveriam exames, avaliações seriadas e rendimento.

Ao final do evento foi redigido o Manifesto da Universidade Nova, cuja minuta foi discutida em uma reunião preparatória ocorrida na UFRJ, em novembro, com a participação dos reitores Aloísio Teixeira, Alex Fiúza da UFPA, João Henneman da UFRGS, Paulo Gabriel da UFRB, Murilo Camargo, pró-reitor da UnB, e Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). "O documento reafirma um conjunto de princípios sobre a educação superior estabelecidos em documentos anteriores da Andifes, em seguida faz um diagnóstico extremamente crítico da atual universidade brasileira e

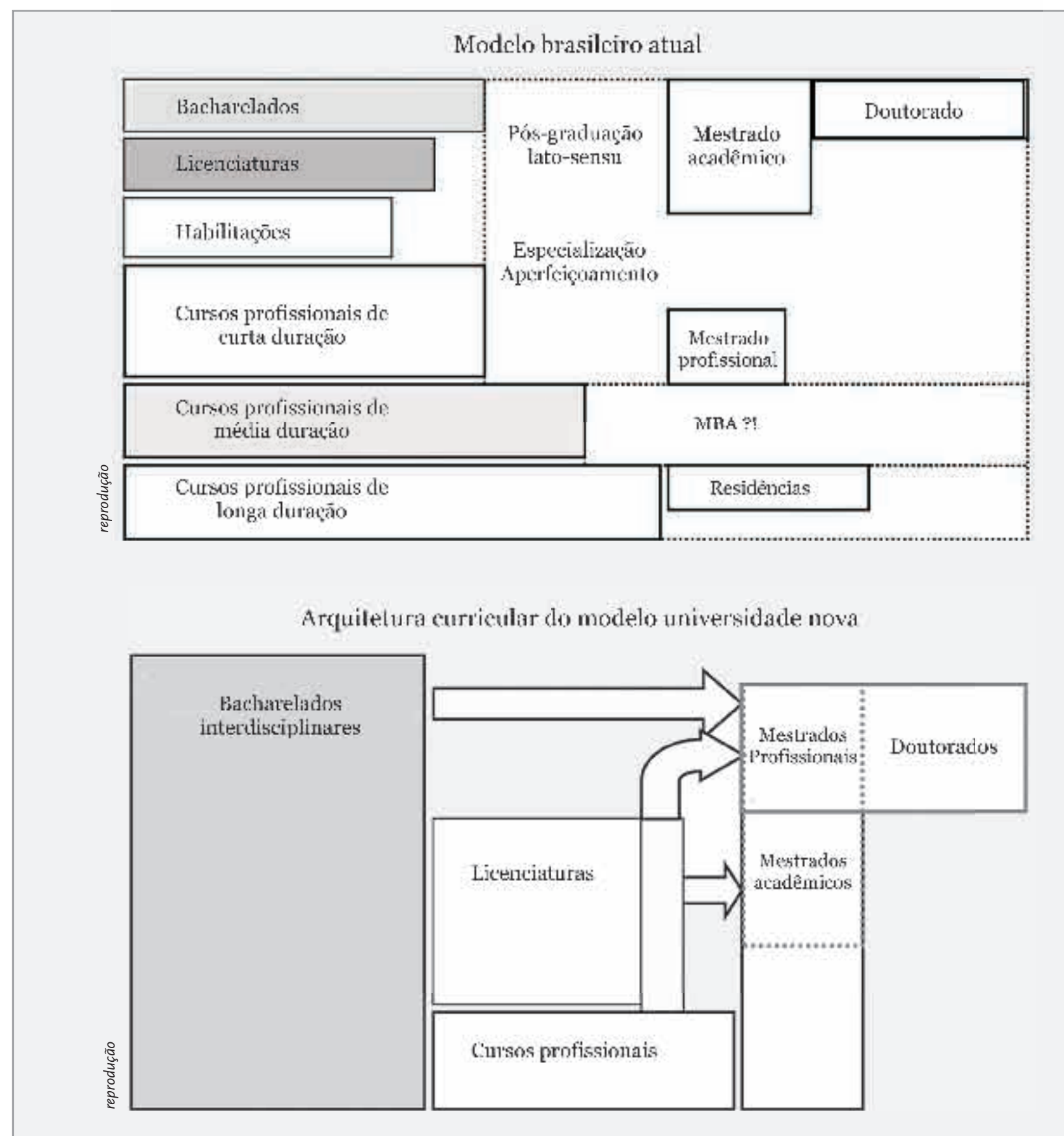
apresenta sete diretrizes para a Universidade Nova. Gosto especialmente da conclusão, onde os reitores se comprometem pessoalmente "com o envolvimento democrático de toda a comunidade universitária, os poderes de Estado e a sociedade brasileira no debate correspondente, de forma a consagrar um novo paradigma de universidade: contemporânea com os destinos do mundo; afinada com o espírito de época; comprometida com as necessidades do desenvolvimento nacional e socialmente inclusiva", relembra Naomar Almeida.

Estrutura antiga

O projeto pode ser considerado uma resposta à necessidade de reformulação da estru-



Naomar de Almeida, reitor da UFBA: a universidade foi inventada para estar à frente da sociedade.



tura curricular e às mudanças que ocorreram no país e no mundo. A educação universitária brasileira tem como modelo as universidades europeias do século XIX, nas quais prevalecia a concepção fragmentada do conhecimento e estavam voltadas para atender a um conjunto muito restrito de profissões regulamentadas. Os princípios conceituais da formação universitária, que eram inovadores em 1810, estão hoje ultrapassados. "É a ideia de que o conhecimento é um bloco que pode ser quebrado em pedaços e, depois, em estruturas menores ainda até chegar ao tamanho do que chamam uma disciplina, que, na verdade, é uma seção do corpo de conhecimento. Há muito tempo se sabe que o conhecimento é uma rede complexa de métodos e objetos. Essa é a raiz conceitual da obsolescência do sistema atual de ensino superior que não fomos capazes de atualizar", analisa Naomar Almeida.

Para ele, a mudança é urgente por que o sistema brasileiro de educação superior não conseguiu atender às finalidades da formação universitária e perde, até mesmo, sua capacidade de propiciar formação profissional adequada. "Além de ser obsoleto, o sistema brasileiro de educação superior se desenvolveu sobre uma série de distorções. Não é somente antiquado, mas também enviesado. Curiosamente, nós mantivemos o modelo europeu, apesar de a própria Europa já o ter superado há muito tempo. Infelizmente não fomos capazes de atualizar nosso sistema de educação superior", aponta o reitor da UFBA.

Será o fim do vestibular?

Muitos esperam que sim. Ao menos o vestibular na forma como é praticado hoje, onde o jovem, precocemente, tem que decidir qual carreira vai seguir pelo resto da vida. É verdade que muitos tomam a decisão acertada, porém, outros desistem do curso no meio do caminho. Há, ainda, os que completam o ensino superior, até por imposição da família, mas não exercem a profissão escolhida.

Esse é um modelo que remonta à reforma napoleônica da educação, na França, que implantou o sistema de educação preparatória chamado Liceu, equivalente ao Ensino Médio no Brasil. "Eu tenho a seguinte convicção: o vestibular, tal como existe, foi desenhado para selecionar alunos que já têm conhecimento, ou seja, memorizaram informações que possibilitam a eles o ingresso nos cursos profissionais. Assim, a universidade, de certa forma, se desresponsabiliza pela formação básica desses alunos. Hoje temos uma chance de criar esse sistema e articulá-lo com o que é dominante no mundo", afirma o reitor da Universidade Federal da Bahia.

Aloísio Teixeira também concorda com as críticas do reitor da Federal da Bahia. "Temos a intenção de acabar com a ideia de prova para o ingresso. Queremos avaliar o estudante ao longo de sua permanência na escola. O que é inovador do ponto de vista didático e pedagógico", adianta Aloísio Teixeira, lembrando que o índice de jovens no Brasil que ingressam no ensino superior é de apenas 10%. Ele afirma

ainda que a UFRJ estuda uma colaboração com o governo estadual do Rio para a elaboração de uma proposta própria de democratização do acesso ao ensino superior. Entre as sugestões estão cursos de equalização de alunos da rede pública, a ser realizado na própria universidade, além de bolsas subsidiadas pelo Estado. "A ideia é trabalhar pela ampliação de vagas, reestruturação de cursos e na política de assistência para que os estudantes possam permanecer na universidade", destaca.

A Universidade Nova ainda é um projeto que precisa ser detalhado em muitos aspectos, e um deles é o sistema de seleção. Para Naomar, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) oferece um perfil pedagógico que tem recebido avaliações positivas e identifica potenciais, talentos, capacidades interpretativas, competências, habilidades, muito mais do que memorização ou do que informação acumulada.

Mercado de trabalho

Uma das dúvidas é o impacto das propostas sobre o mercado de trabalho. Porém, para Naomar, esse não deve ser um ponto preocupante. "As empresas terão uma oportunidade de se atualizarem junto com a universidade. Com a Universidade Nova, o mundo do trabalho certamente receberá profissionais melhor formados, mais maduros e bem vocacionados. Não tem sentido a gente tomar decisões profissionais com precocidade exagerada e antecipar a plenitude

da formação profissional. Além do sujeito demorar (e muito) para contribuir para a sociedade, essa excessiva precocidade na escolha profissional dilui a eficiência do sistema de formação porque provoca evasão. Outro dado importante que reforça essa ideia vem de uma pesquisa recente que a *Folha de São Paulo* divulgou: 53% dos profissionais atuam em áreas diferentes da sua formação original. É uma indicação clara de que o velho desenho nem ao mercado atende. A pergunta é: se não serve para atender à cultura nem ao mercado, atende a quê? Atende à inércia, quer dizer, responde ao fato da instituição ser inercial e se omitir. Temos que dinamizar a educação superior para que a universidade se torne mais atual e socialmente mais responsável", enfatiza Almeida.

Entendendo o projeto

Essa é uma proposta que surgiu em 2002, a partir de discussões na UFBA, quando a atual reitoria tomou posse, e logo ganhou adeptos em todo o país. Reitores de diversas universidades do Brasil, professores, intelectuais apoiam a iniciativa e discutem medidas para sua realização.

É preciso lembrar que esse é um projeto que retoma muitos conceitos de Anísio Teixeira que, em duas oportunidades históricas (em 1935, com Universidade do Distrito Federal, e, em 1962, com a Universidade de Brasília) tentou implantar uma universidade brasileira onde se propunha uma estrutura nova da formação do ensino superior, para dar-lhe unidade orgânica e eficiência maior. "O aluno que vem do curso médio não ingressará diretamente nos cursos superiores profissionais. Obterá uma preparação científica e cultural em Institutos de pesquisa e de ensino, dedicados às ciências fundamentais. Nesses órgãos universitários, que não pertencem a nenhuma Faculdade, mas servem a todas elas, o aluno buscará, mediante opção, conhecimentos básicos indispensáveis ao curso profissional que tiver em vista prosseguir", afirmou na Exposição de Motivos do Projeto de Lei que instituiu a Universidade de Brasília, que o tinha como presidente da comissão de implantação e, como relator, Darci Ribeiro.

A principal alteração proposta na estrutura curricular da universidade é a implantação de Bacharelados Interdisciplinares (BI), propiciando formação universitária geral, como uma pré-graduação que antecederá a formação profissional de graduação e a formação científica ou artística da pós-graduação. Os BIs serão cursos de introdução ao ensino superior, de curta duração (três anos), em grandes áreas do conhecimento: Humanidades, Artes, Tecnologias e Ciências.

Após a conclusão do BI, o aluno obterá o título de bacharel em uma dessas áreas e poderá optar, se desejar continuar os estudos universitários, pelo prosseguimento da formação profissional ou formação de pós-graduação. Segundo o projeto da UniNova, quem decidir seguir a formação profissional pode escolher 1) Licenciatura – mais um a dois anos de formação específica, incorporando créditos dos módulos Formação Diferencial e Formação Profissional, habilita egresso a lecionar no ensino básico; 2) Carreiras profissionais de média duração (por exemplo Arquitetura, Administração, Geologia) – mais dois a três anos de formação específica, incorporando créditos dos módulos Formação Diferencial e Formação Profissional; ou 3) Carreiras profissionais de longa duração (por exemplo Direito, Odontologia, Medicina) – mais três a quatro anos de formação específica, incorporando créditos dos módulos Formação Diferencial e Formação Profissional.